

CORREIO BRAZILIENSE

Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara
CAMÕES, e, VII e 14

Diretor Presidente
Paulo Cabral de Araújo

Diretor Vice-Presidente
Ari Cunha

Diretor Gerente
Evaristo de Oliveira

Diretor de Redação
Luiz Adolfo Pinheiro

Diretor Técnico
Ari Lopes Cunha

Diretor Comercial
Maurício Dinepi

Editor-Chefe
Jota Alcides

Diretor de Marketing
Márcio Cotrim

Diretor de Planejamento
João Augusto Cabral

Sinais alarmantes

Ciência moderna é servida hoje em dia por um variado arsenal de sistemas de processamento de dados, a Estatística é fascinante como ramo do conhecimento humano e prodigiosa pelos limites a que pode atingir, a serviço de todas as outras ciências. No caso do Brasil, por uma soturna conjuração do destino e da incompetência dos homens, a Estatística opera sempre como elemento de comprovação das pequenas, médias e grandes mazelas nacionais, entre elas a da inflação.

Informe divulgado pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) dá-nos conta de que a inflação chegou, em abril, ao espantoso índice de 28,74 por cento, sendo a maior desde março de 1990, quando se registrou 79,11 por cento. É mais: a taxa inflacionária, com os 28,74 por cento, deu um salto de 3,58 pontos percentuais em relação aos 25,16 de março. Para ilustrar a informação, assinale-se que as maiores altas ficaram com itens básicos — alimentos, aluguéis, remédios e transporte urbano.

Em qualquer outro país, sinais alarmantes como estes que fornece a Fipe despertariam grande preocupação e celeuma nos círculos dirigentes responsáveis, inclusive os da livre empresa e os das forças sindicais. Aqui, no Brasil, como a cultura inflacionária já faz parte do dia-a-dia, a sociedade, por inércia, absorve os índices divulgados, agarra-se aos artifícios da poupança simbólica e das aplicações financeiras que mal chegam a compensar o estrago desencadeado pela inflação nos ativos das pessoas físicas e jurídicas.

Numa quadra preocupante como esta que atravessamos, não custa lembrar que a inflação — é a sua forma mais degenerada, a hiperinflação — provoca distorções irrecuperáveis no tecido social e impele homens e corporações a atos extremos como trocas subitâneas de governos e ministros; quarteladas sem base ideológica e perversão dos costumes. Em suma, um país com inflação descontrolada oferece todas as condições para

que o caldo de cultura do totalitarismo exerça sua ação daninha por muitos e muitos anos.

No panorama da história contemporânea, é bem conhecido o exemplo do surto inflacionário durante a República de Weimar, Alemanha, com episódios assustadores sempre lembrados nas classes universitárias. Recorde-se que o domínio sobre a hiperinflação alemã foi um ato solidário do Governo, das empresas, dos bancos, das organizações sindicais e do povo germânico. Estrategista e líder da luta contra a hiperinflação alemã foi o banqueiro Hjalmar Schacht, posteriormente cognominado o **magu das finanças**. Depois que o país se estabilizou economicamente, a história da Alemanha entrou na desastrosa vereda do nacional-socialismo.

Se não servem à Nação brasileira os rumos que seguiu a Alemanha após seu triunfo sobre a inflação, vale-nos o exemplo de que é possível erradicar o mal e trazer um país de volta à normalidade. Um pouco de estudo da História fará bem, neste momento, aos homens públicos que detenham qualquer parcela, por mínima que seja, de responsabilidade e mando sobre o trabalho e o bem-estar dos cidadãos brasileiros.

A guerra à inflação, para obter-se êxito, não é um ato baluartista e isolado de um punhado de homens inspirados e destemidos. O esforço há de ser coletivo e envolver a sociedade como um todo indivisível. E tem de ser assim, pois não há setores preservados e camadas privilegiadas quando a durandana da inflação desaba sobre as cabeças de todos. Os prejuízos são sempre globais, com inevitáveis repercussões em todos os patrimônios, na moral e nos costumes e, o que é mais trágico, sobre a vida de milhões e milhões de brasileiros, inclusive crianças. Para estas, por imperativo de humanidade e dever de patriotismo, é preciso criar um Brasil melhor, sem a insegurança gerada pela espiral inflacionária.